

A MULHER NA SOCIEDADE ATENIENSE: UM ESTUDO DE SUA REPRESENTAÇÃO NOS VASOS ÁTICOS DOS SÉCULOS VI-V A.C.

Women in Athenian society: a study of their representation in the Attic vases in the 6th and 5th centuries BC

José Geraldo Costa Grillo¹

¹Universidade Federal de
São Paulo, Escola de Fi-
losofia, Letras e Ciências
Humanas, Departamen-
to de História da Arte,
Estrada do Caminho
Velho, 333, 07252-312,
Guarulhos-SP

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade ateniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

RESUMO

O tratamento dado à mulher nos vasos áticos denota, para alguns, o mesmo preconceito discriminatório que seria encontrado na literatura grega antiga. Todavia, para outros, tanto nos textos, quanto na iconografia, a posição social da mulher não é assim estanque. Partilhando dessa segunda concepção, o autor demonstra a partir da representação da mulher em cenas guerreiras que, se por um lado, ela é, por vezes, colocada nas extremidades das imagens, podendo implicar sua marginalização social, por outro, ocupa, em inúmeros e significativos casos, o lugar central como protagonista da cena, demonstrando seu prestígio e valor aos olhos de sua sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Sociedade. Atenas. Vasos áticos.

ABSTRACT

The treatment of women in the Attic vases denotes, for some, even discriminatory bias that would be found in ancient Greek literature.

Recebido em: janeiro de 2009
Aceito em: fevereiro de 2009

However, for others, both in texts and in iconography, the social position of women is not so tight. Sharing this second opinion, the author demonstrates from the representation of women in warriors scenes that, on one hand, it is sometimes placed at the ends of the pictures, implying their social marginalization, on the other hand, occupies, and in many significant cases, the central place as the protagonist of the scene, demonstrating its value and prestige in the eyes of their society.

Keywords: *Women. Athens. Society. Attic vases.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordo as pinturas de cenas da Guerra de Tróia nos vasos áticos dos séculos VI-V a.C. com a preocupação de analisar as representações da mulher e estabelecer seu papel social na Atenas desse período.

Nos momentos nodais da atividade guerreira, o *armamento do guerreiro*, sua *partida*, os *duelos* e o *retorno do guerreiro morto em batalha*, participam as categorias essenciais dessa sociedade: os *guerreiros*, hoplitas, arqueiros e cavaleiros e os *não guerreiros*, homens, mulheres, idosos e jovens. Todavia, o *papel social* da mulher ateniense desse período ainda é matéria debatida e inconclusa.

Em um estudo dedicado aos problemas de interpretação da representação da mulher nos vasos áticos, Dyfri Williams (1983) entende, por um lado, que essas pinturas foram feitas, essencialmente, a partir de uma visão masculina, na qual as atitudes sociais referentes às mulheres ecoam o preconceito preservado em outras fontes históricas.

Trabalhando também com uma série desses vasos, François Lissarrague (1991) afirma, por outro lado, ter tido a mulher ateniense uma participação mais efetiva na guerra. Lissarrague destaca, quanto a isso, que, nas cenas de armamento, o lugar das mulheres é mais importante do que os documentos escritos nos fazem supor. Pois, é sempre uma mulher que se encontra diante do guerreiro entregando-lhe sua armadura, o que significa que guerra não é um simples negócio de homens, ela concerne à cidade inteira, ela implica a participação das mulheres. Pascal Payen (2004), no mesmo sentido, a partir de fontes literárias e iconográficas, defende ter havido entre mulheres e homens um conjunto de interferências e de complementações, no que respeita à função combatente.

Partilhando dessa segunda concepção, demonstro, a partir da representação da mulher em cenas guerreiras, que, se ela é, por vezes, colocada nas extremidades das imagens, podendo implicar sua mar-

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade anteniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade antenense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

ginalização social, ela também ocupa, em inúmeros e significativos casos, o lugar central como protagonista da cena, demonstrando seu prestígio e valor aos olhos de sua sociedade.

O ARMAMENTO DO GUERREIRO

Na cena de armamento, os artesãos colocam em primeiro plano um *guerreiro* e uma *mulher*, sua mãe, que lhe entrega sua *armadura* (Figura 1).

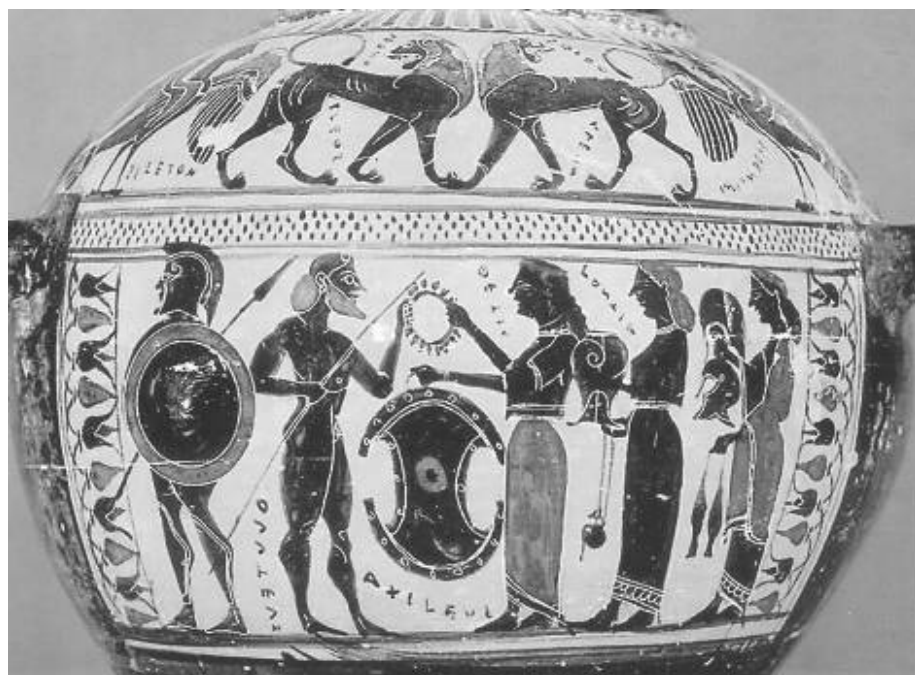


Figura 1 - veja-se o *Catálogo* no final do texto

Apesar de ser de natureza guerreira, e voltada, primeiramente, para o guerreiro, esta é única cena em que um personagem não guerreiro, a mulher, compõe, com tanto destaque, o grupo central. Ela está presente em todas as imagens, portando a panóplia do guerreiro (GRILLO, 2009). A mulher tem, portanto, uma função essencial: a de fazer de seu filho um guerreiro, ou seja, ela realiza um rito de passagem através do qual seu filho é admitido como guerreiro. Ao fazerem dos homens guerreiros, “as mulheres dão guerreiros à cidade” (LISSARRAGUE, 1984, p. 42).

Com vistas a ressaltar o significado e as implicações dessa função social da mulher, faço um contraste com os ritos realizados na *efebia*. A *efebia* está relacionada à equivalência entre tornar-se ci-

dadão e tornar-se guerreiro (BRUIT-ZAIDMAN, 1999). Na efébia primitiva, de datação incerta, a entrada na idade adulta e na vida cidadina supunha que o jovem grego fosse capaz de defender a cidade. Assim, a *efébia* era, ao mesmo tempo, uma iniciação à vida guerreira e uma confirmação da integração do guerreiro no grupo político. A efébia foi integrada na cidade de Atenas na festa da Apátúria, que marcava o momento da vida do jovem ateniense, no qual ele era admitido na fratria de seu pai, o qual jurava ser seu filho um legítimo ateniense. O mito destinado a explicar essa festa a associa a um duelo entre um rei de Atenas e um da Beócia. Esse duelo, acontecendo em uma localidade fronteiriça, estabelece uma aproximação com o juramento do jovem efebo de proteger as fronteiras da cidade (VIDAL-NAQUET, 1999).

Se na efébia, era o homem, o pai do efebo, que iniciava seu filho na condição de cidadão e de guerreiro, na cena do armamento, é a mulher, a mãe do guerreiro, que exerce essa função. Os artesãos, ao representarem a mulher nesse papel, não estão, provavelmente, retratando uma prática de sua época; porém, considerando serem as imagens portadoras de significados partilhados, essa representação indica a existência de concepções divergentes, na sociedade ateniense, em relação à participação das mulheres na esfera da guerra.

A PARTIDA DO GUERREIRO

Na iconografia da partida do guerreiro, em geral, e na de Aquiles, em particular, três personagens não guerreiros compõem o grupo central: a *mulher*, o *idoso* e o *jovem* (GRILLO, 2009). São essas as categorias da sociedade ateniense que os artesãos valorizaram em suas escolhas, para as porem em relação com a do *guerreiro*, que delas se despede ao partir para a guerra.

Os artesãos começaram com a representação da *despedida de uma mulher*, mas foi a da *despedida de um idoso* que recebeu, da parte deles, maior atenção, retratando-a seis vezes contra apenas duas da mulher (Figura 2). A representação da *despedida de um jovem* também foi bem recorrente, mas em todos os casos ele está inerte.

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade ateniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

GRILLO, José Geraldo
Costa. A mulher na
sociedade anteniense:
um estudo de sua
representação nos vasos
Áticos dos séculos VI-V
A.C. *Mimesis*, Bauru,
v. 29, n. 2, p. 123-133,
2008.



Figura 2

O idoso desempenha um papel fundamental nessas representações. Na qualidade de *pai* do guerreiro, ele tem a função de *aconselhar*, de dar *instruções* e de fazer *recomendações* ao guerreiro que parte para a guerra. Sua *mão direita levantada*, um gesto que acompanha a emissão da palavra, evidencia seu ato de falar.

A atuação da mulher acontece em outro plano, o religioso. Na maioria das vezes, ela tem a *mão envolta pelo manto* (Figura 2). Esse gesto pode ser interpretado como *apotropaico*, isto é, cuspir na prega do manto para *afastar o mal*. Nesse contexto, significaria um *pedido de proteção* para o filho que parte para a guerra.

O idoso e a mulher participam de maneira equilibrada no esquema icnográfico em que *o guerreiro está realizando a libação* para sua partida. A libação remete a cena para a esfera religiosa, e essas representações evidenciam crenças comuns aos guerreiros e aos não guerreiros.

Os rituais para tornarem os deuses favoráveis em tempos de guerra são os mesmos que os da vida cotidiana em tempos de paz. As libações têm uma parte importante nesses rituais. A libação pode estar associada ao sacrifício sangrento ou se constituir como um ritual autônomo com sua própria coerência. Nessa última acepção, a libação era realizada no momento da partida para a guerra, colocando os atos familiares sob a proteção dos deuses (BRUIT-ZAIDMAN; SCHMITT-PANTEL, 2002).

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade antenense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.



Figura 3

A libação consiste em derramar algumas gotas de líquido, como o vinho, pronunciando-se algumas palavras. De maneira geral, a libação não tem somente uma função apotropaica, isto é, como um meio para repelir a má sorte, ela faz parte de inúmeros rituais, e sela, simbolicamente, uma aliança entre um deus e os mortais (TOUCHEFEU-MEYNIER, 2000). Geralmente, a mulher verte o vinho na fíala (Figura 3), do qual uma parte, aquela dos deuses, será derramada no chão, enquanto que o resto será bebido por cada um dos participantes. Realizando essa libação, que é oferenda e partilha, a mulher marca os laços que unem uns aos outros os membros do grupo e afirma a relação que une esse grupo aos deuses (LIS-SARRAGUE, 1984).

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade ateniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

OS DUELOS

Nas cenas de duelos, além dos personagens centrais (os combatentes), os artesãos representaram, ainda, outras categorias da sociedade ateniense. Entre os não guerreiros, estão o *homem*, o *idoso*, o *jovem* e a *mulher*. Enquanto que os três primeiros na maioria das vezes apenas marcam presença, a mulher tem nessas cenas uma participação ativa. Nas representações do duelo entre Aquiles e Mêmnon, por exemplo, as mulheres, mesmo sendo representadas nas extremidades da imagem, desempenham um importante papel (GRILLO, 2009).



Figura 4

Quando nomeadas por inscrições, tratam-se sempre de Tétis e Eos, mães de Aquiles e de Mêmnon respectivamente. Nas vezes em que as duas mulheres não são identificadas (Figura 4), elas podem ser tomadas, metaforicamente, como as *mães* dos guerreiros. Quando elas realizam um *gesto que acompanha a emissão da palavra*, isso implica que as mulheres, na condição de mães dos guerreiros, têm direito ao *lógos*, ao discurso, que possibilita intervir nos assuntos guerreiros.

O RETORNO DO GUERREIRO MORTO

Todas as categorias de não guerreiros da sociedade ateniense são representadas nas cenas de retorno do guerreiro morto em batalha (GRILLO, 2009); todavia, são os papéis do *idoso* e da *mulher*, pai e mãe do guerreiro, que se destacam. Eles aparecem nas cenas de

Sono e Morte carregando o corpo de Sarpédon; mas é na de Ájax carregando o corpo de Aquiles que suas atuações são mais notórias.

Carregador e carregado podem ser recebidos por guerreiros, hoplita e arqueiro, quando a chegada dá-se no acampamento, mas é na chegada a casa que as representações concentram-se. O idoso o recebe algumas vezes; entretanto, é a mulher que tem uma participação mais expressiva, pois o faz com mais frequência. Ela raramente está inerte; pelo contrário, normalmente, está movimentando-se e gesticulando. O gesto que a mulher mais realiza, e que a torna proeminente, é o que *acompanha a emissão da palavra* (Figura 5).

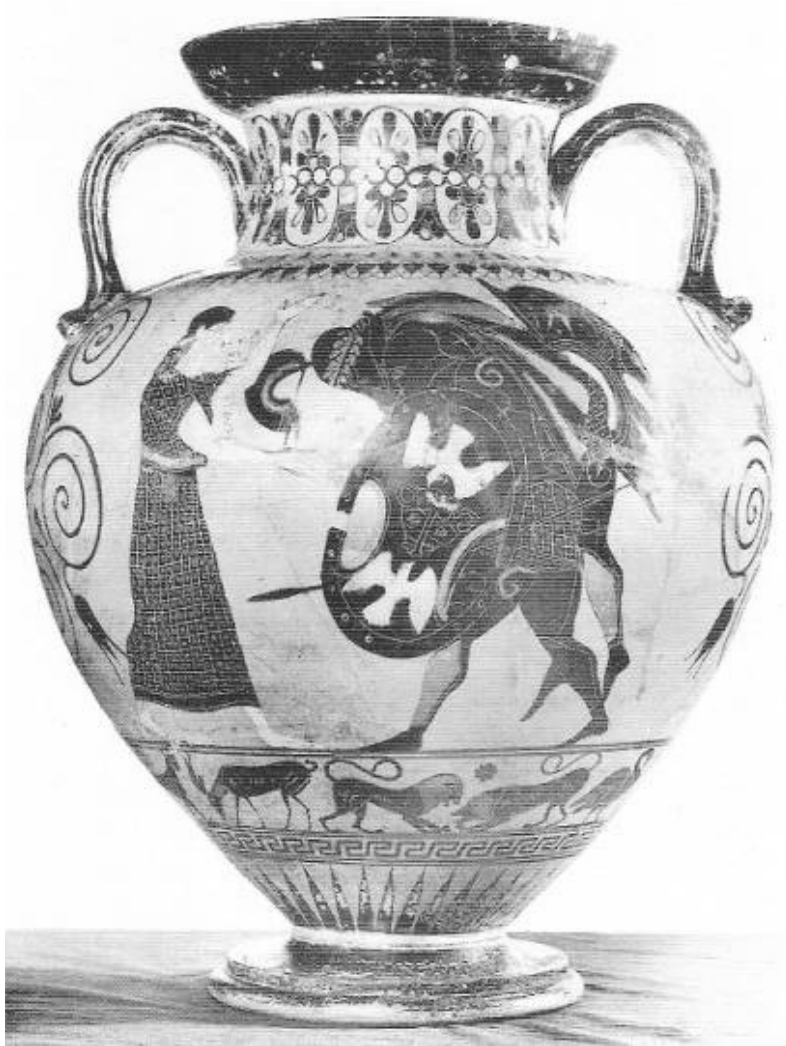


Figura 5

Mulher e idoso, representantes maiores dos não guerreiros, indicam que a guerra não é assunto exclusivo dos guerreiros, mas sim de toda a cidade.

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade antenense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade ateniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos vasos áticos dos séculos VI-V a.C. permite observar que a participação de cada uma das categorias sociais da cidade de Atenas foi bastante desigual no contexto da guerra. Entre elas, a mulher ocupa um lugar proeminente, pois foi a personagem mais expressiva e participativa em todos os momentos da atividade guerreira.

Na cena de armamento do guerreiro, ela ocupa um lugar central ao realizar, em todos os casos, o ato fundamental de entregar as armas a seu filho. Na cena de partida, mesmo dividindo com outros personagens a composição do grupo central, teve representação equilibrada com eles. Nas cenas de duelo, as mulheres, na qualidade mães dos combatentes, ainda que representadas nas margens das imagens, foram mostradas ativas através do uso da palavra. Nas cenas de retorno do guerreiro morto em batalha, a mulher foi a personagem mais representada, destacando-se, através de sua movimentação e gestualidade, sua caráter dinâmico e participativo.

Portanto, não entendo ser apropriado alegar que os artesãos áticos representaram a mulher com algum tipo de preconceito de gênero; pelo contrário, se tal preconceito for uma realidade para outros grupos da sociedade ateniense, eles estariam na contramão dessa concepção.

CATÁLOGO

1. Hídria. Figuras negras. Prov.: Etrúria. Atr.: Grupo de Arquipe. Paris, Museu do Louvre, inv. E869. Cerca de 550 a.C. Bib.: GRILLO, 2009, p. 187, nº 11.
2. Ânfora com pescoço. Figuras negras. Prov.: (?). Atr.: Círculo do Pintor de Antímenes. Limoges, Museu Adrien Dubouché, inv. 80.58. Cerca de 520 a.C. Bib.: GRILLO, 2009, p. 221, nº 45.
3. Cântaro. Figuras vermelhas. Prov.: Vulci. Atr.: Pintor de Erétria. Paris, Biblioteca Nacional, Coleção das Medalhas, inv. 851. Cerca de 440 a.C. Bib.: GRILLO, 2009, p. 229, nº 53.
4. Ânfora tipo nicostênica. Figuras negras. Prov.: Cere. Atr.: Pintor N. Roma, Museu Nacional Etrusco de Villa Giulia, inv. 50558. Cerca de 540 a.C. Bib.: GRILLO, 2009, p. 284, nº 108.
5. Ânfora com pescoço. Figuras negras. Prov.: Chiusi. Atr.: Pintor Exécias. Berlim, Museu Pérgamo, Coleção de Antiguidades, inv. F1718. Cerca de 540 a.C. Bib.: GRILLO, 2009, p. 342, nº 166.

Agradecimentos

O autor agradece a Pedro Paulo A. Funari, Haiganuch Sarian, François Lissarague, Lourdes Conde Feitosa e faz menção ao apoio institucional da FAPESP, UNICAMP e UNIFESP. As idéias são de sua inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BRUIT-ZAIDMAN, L. **Guerre et religion en Grèce à l'époque classique**. In: BRUN, P. (Coord.). *Guerres et sociétés dans les mondes grecs (490-322)*. Paris: Du Temps, 1999. p. 127-148.

BRUIT-ZAIDMAN, L.; SCHMITT-PANTEL, P. **La religion grecque dans les cités à l'époque classique**. Paris: Armand Colin, 1991. Troisième édition, 2002.

GRILLO, J. G. C. A ira de Aquiles e as sensibilidades à violência na Grécia antiga. *História: Questões & Debates*, 48, p. 37-59, 2008.

_____. **A Guerra de Tróia no imaginário ateniense: sua representação nos vasos áticos dos séculos VI-V a.C..** 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-13042009-164013/>>.

LISSARRAGUE, F. **Autour du guerrier**. In: *La cité des images*. Religion et société en Grèce antique. Lausanne; Paris: Fernand Nathan; L.E.P., 1984. p. 35-48.

_____. Femmes au figuré. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Dir.). *Histoire des femmes en occident*. Volume 1, L'Antiquité. Sous la direction de Pauline Schmitt Pantel. Paris: Plon, 1991. p. 159-251.

PAYEN, P. **Femmes, armées civiques et fonction combattante en Grèce ancienne** (VII^e-IV^e siècle avant J.-C.). *CLIO, Histoire, Femmes et Sociétés*, 20, p. 15-41, 2004.

TOUCHEFEU-MEYNIER, O. **Homère: un heritage. Documentation photographique**, 8013. Paris: La documentation française, 2000.

VIDAL-NAQUET, P. **La tradition de l'hoplite athénien**. In: VERNANT, J.-P. (Dir.), *Problèmes de la guerre em Grèce ancienne*. Points-Histoire, 265. Paris; EHESS; Seuil, 1968. Nouvelle édition, 1999. p. 213-241.

GRILLO, José Geraldo Costa. A mulher na sociedade anteniense: um estudo de sua representação nos vasos Áticos dos séculos VI-V A.C. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 123-133, 2008.

GRILLO, José Geraldo
Costa. A mulher na
sociedade ateniense:
um estudo de sua
representação nos vasos
Áticos dos séculos VI-V
A.C. *Mimesis*, Bauru,
v. 29, n. 2, p. 123-133,
2008.

WILLIAMS, D. **Women on Athenian vases: problems of interpretation.** In: CAMERON, A.; KUHRT, A. (Ed.). *Images of women in antiquity*. London: Routledge, 1983. p. 92-106.